

Assim explora o capitalismo chinês

Via [Sin Permiso](#)

Em seu livro *Morrer por um iPhone*, Jenny Chan faz uma crônica da vida e das condições de trabalho dos jovens que trabalham na Foxconn, uma empresa sediada em Taipei que fabrica produtos para a Apple. Ela mostra como o rápido crescimento econômico da China se baseia em um sistema de fabricação que depende da superexploração de centenas de milhões de trabalhadores. Em face da repressão, eles encontraram formas criativas de resistência, mas às vezes a única opção que encontram é o suicídio.

A ascensão da China como uma potência econômica e política dominante é um fato central de nosso tempo. Essa ascensão se baseia, em parte, em uma repressão implacável aos trabalhadores. O desenvolvimento da China está ocorrendo em um período de globalização, cujo modelo está incorporado na Organização Mundial do Comércio (OMC), que protege os direitos de propriedade, faz cumprir os contratos e assegura os investimentos, mas é omissa quanto aos direitos trabalhistas.

Jenny Chan, professora assistente de sociologia na Universidade Politécnica de Hong Kong, fez um trabalho pioneiro explorando o surgimento de uma nova classe trabalhadora na China. Esta é uma classe trabalhadora de jovens trabalhadores migrantes do campo, trabalhando longas horas em empregos mal remunerados e vivendo em condições terríveis.

Juntamente com Mark Selden e Pun Ngai, Chan escreveu *Dying for an iPhone* (Peña Lillo/Continente, 2014), recentemente traduzido para o inglês, no qual ela relata as condições de trabalho exploratórias vividas pelos trabalhadores de uma

empresa sediada em Taipei que fabrica produtos para a Apple. Desde então, sua pesquisa tem progredido e ela tem sido capaz de mostrar as condições de trabalho exploratórias que explicam o crescimento econômico da China.

Apesar da repressão, existe uma longa história de luta dos trabalhadores na China. Você poderia começar com um breve resumo das últimas décadas de tentativas dos trabalhadores para tornar suas vidas mais habitáveis?

Durante um século, na China moderna, houve lutas sobre quem controla os frutos da mão-de-obra industrial e agrícola. Primeiro foi uma luta contra o Estado; hoje é uma luta contra um regime misto ou híbrido que inclui o Estado e o capital privado.

Em muitos trabalhadores há uma grande frustração e resistência. Por quê? Porque eles trabalham 12 horas por dia e as longas horas de trabalho não lhes proporcionam um salário suficiente para viver. Esta nova classe trabalhadora é enorme: 300 milhões de trabalhadores migrantes deixaram o campo, a maioria deles jovens com grandes esperanças de uma vida melhor na cidade. Eles não querem trabalhar a terra, como fizeram seus pais, mas desfrutar do consumo urbano e da tecnologia. Mas eles acabam vivendo em dormitórios de fábricas, ou em outras residências baratas onde é difícil para eles até mesmo pensar em ter uma família ou criar raízes na cidade. A pesquisa revela que o faturamento nas fábricas de eletrônicos é alto, mas os gerentes se preocupam principalmente com a produtividade da fábrica e a qualidade dos produtos. E quanto ao bem-estar dos trabalhadores?

As lutas dos trabalhadores tornaram-se mais frequentes depois que a China se tornou membro da OMC em 2001?

Sim. À medida que a China se tornou mais integrada na produção transnacional e no comércio global, as províncias começaram a enviar ainda mais trabalhadores rurais para atender à enorme

demanda de serviços, construção e trabalho fabril nas cidades. Nas últimas duas décadas, houve uma alta mobilidade tanto de capital quanto de mão-de-obra. Os investimentos diretos asiáticos, americanos e europeus remodelaram e expandiram o modelo de crescimento da China, atraindo mais trabalhadores para o mercado.

Vamos falar sobre seu livro, *Dying for an iPhone*, que descobri ser um relato poderoso sobre a vida e as condições de trabalho dos jovens que trabalham na Foxconn, uma empresa que fabrica produtos para a Apple. Primeiro de tudo, o que o levou a estudar os trabalhadores da Foxconn?

Foxconn é o maior fabricante de eletrônicos contratuais do mundo. Em certo momento, a Foxconn contava com um total de 1,3 milhões de trabalhadores, a grande maioria nas 40 fábricas que possui na China. Mas sua sede fica em Taipei. Possui também grandes fábricas no Vietnã, Índia e República Tcheca. Foxconn disse que planejava abrir uma grande fábrica de LCD em Wisconsin, embora agora não esteja claro se isso vai acontecer. A China continua sendo a principal fonte de rentabilidade da Foxconn. Nos últimos dez anos, mais ou menos, a Foxconn tem se mudado para o centro e sudoeste da China, formando o principal centro industrial que liga a China ao Oriente Médio e à Europa como parte da “Nova Rota da Seda”.

Todas as contradições da economia global podem ser vistas em Foxconn. Ela fabrica produtos para a Apple, a empresa icônica de nosso tempo. No contexto de um regime comercial neoliberal, estruturado pelos governos americano e chinês, esta empresa desenvolveu um sistema de produção brutalmente explorador. Embora o mundo se maravilhe com o último dispositivo Apple, pensamos que valeria a pena concentrar nossa atenção nos trabalhadores que fabricam o produto. E o fato é que, quando os direitos dos trabalhadores estão sendo tirados a um gigante global como Foxconn, os trabalhadores nos EUA, México, Brasil ou Vietnã têm dificuldade em melhorar seus salários e condições de trabalho. As lutas dos trabalhadores ao redor do

mundo estão mais ligadas do que às vezes se acredita.

O que você descobriu na Foxconn?

Foi chocante. Em 2010, 18 jovens trabalhadores migrantes tentaram o suicídio, em sucessão. Quatro sobreviveram com lesões incapacitantes. Um dos sobreviventes tinha 17 anos de idade e tinha trabalhado para a Foxconn por cerca de um mês. Devido a algum erro administrativo, ele não recebeu seu salário. Ele não tinha ninguém lá para ajudá-lo. Lembremos: estes são jovens migrantes que estão longe de casa pela primeira vez. Estes trabalhadores, no auge de sua juventude, chegam à Foxconn muito esperançosos; eles estão chegando a uma empresa da Fortune Global 500 e foram iludidos por um ambiente com ar condicionado e alta tecnologia, mas a realidade é muito diferente. Eles montam iPhones em linha por 12 horas por turno.

Os turnos, dia e noite, são muito longos devido ao alto volume de produção e aos curtos prazos de entrega desses itens – é inconcebível que um consumidor tenha que esperar um mês por um novo modelo de iPhone! No chão de fábrica, os engenheiros industriais medem a produção, assim como os gerentes “científicos” tayloristas. Os trabalhadores, os seres humanos, têm seus corpos e suas mentes subsumidos pela máquina capitalista. Eles se sentem terrivelmente desesperados.

Os prazos estão ficando cada vez mais curtos, porque tempo é dinheiro. Nossos amados iPhones são projetados para se tornarem obsoletos rapidamente. Há pouca esperança nas fábricas para que os trabalhadores da montagem façam carreira e obtenham uma promoção. E muitos desses trabalhadores da Foxconn são estagiários vindos de escolas vocacionais onde também sofrem grande exploração.

O que aconteceu em resposta aos suicídios? No livro há uma foto de redes colocadas fora dos dormitórios para impedir as pessoas de tentarem o suicídio. Essa foi toda a resposta da

Apple e do Foxconn?

Essas “redes anti-suicídio” ou “redes de segurança” ainda estão em funcionamento em muitas fábricas de Foxconn. Isso nos diz que os problemas, a pressão e o desespero ainda estão presentes. Se houve alguma mudança nos últimos dez anos, ela tem sido mínima. Pelo que sabemos, a Apple tentou ajustar o sistema de auditoria para enviar mais pessoas para fábricas e dormitórios para entrevistar trabalhadores. Mas esta é simplesmente uma medida de autoproteção. Fundamentalmente, a Apple e outras empresas de tecnologia dependem fortemente da Foxconn e de seus fornecedores intermediários, bem como de outros fabricantes na rede de produção global. A terceirização de mão-de-obra tem como objetivo transferir riscos e maximizar lucros.

Se os trabalhadores da Foxconn, incluindo os estagiários, pudessem organizar sua voz coletiva dentro de um sindicato, acho que as coisas seriam muito diferentes, pois eles teriam o poder de exigir o que é realmente importante para eles.

Conta-nos mais sobre como a Foxconn utiliza os estagiários.

Em primeiro lugar, a escala é enorme. Estamos falando de centenas de milhares de estudantes para quem trabalhar para a Foxconn faz parte de sua educação no ensino médio. Os governos locais impõem uma cota de estudantes em resposta direta aos planos da empresa; as escolas profissionalizantes sob sua jurisdição devem fornecer o número de estagiários que a Foxconn e outras empresas necessitam.

Estes estágios são uma enorme fonte de mão-de-obra para a Foxconn. No verão de 2010, a Foxconn tinha 150.000 estagiários, com 16, 17 ou 18 anos. Estes jovens recebem menos do que outros trabalhadores por fazerem o mesmo trabalho na linha de montagem. A lei chinesa os considera estudantes; não são reconhecidos como funcionários. A distinção jurídica é muito importante. O objetivo da Foxconn é ter uma força de

trabalho flexível e de curto prazo, da qual ela possa se livrar facilmente. Devido à sua condição de estudantes, eles não se beneficiam de nenhum seguro social, assistência médica ou pensões. Se se lesionam, ninguém é responsável por eles.

É importante notar que o futuro do que chamamos de “estudantes trabalhadores” é muito incerto. Eles estão no trajeto da carreira e, devido à intensa concorrência no mercado educacional, não aspiram a ir para faculdades ou universidades de primeira linha orientadas para a pesquisa acadêmica. Estes estagiários esperam ganhar habilidades profissionais úteis e uma vantagem competitiva no mercado de trabalho. Mas todos eles acabam em linhas de montagem durante seus estágios, que muitas vezes se expandem para atender às necessidades de produção. Se eles não trabalharem duro, não se formarão a tempo. Neste sentido, o trabalho estudantil é o trabalho forçado, uma forma moderna de escravidão.

Quanto tempo os trabalhadores podem suportar o ritmo, intensidade e pressão na Foxconn?

Varia. Os trabalhadores e estagiários são criativos. Eles se envolvem em diferentes táticas de resistência. Às vezes eles simplesmente fingem estar doentes e jogam videogames no dormitório. Mas, é claro, eles são descobertos após um ou dois dias; depois são enviados de volta para a linha de montagem. Em outros momentos, eles fabricam deliberadamente produtos defeituosos, o que diminui o ritmo de produção.

A Apple está tentando cultivar uma imagem de empresa progressista. Até que ponto ela é cúmplice da situação na China?

A coisa mais “progressiva” sobre a Apple é seu trabalho de relações públicas. É muito bom em criar uma imagem que cubra a realidade de sua cadeia de abastecimento. Em 2017, o CEO da Apple, Tim Cook, em seu discurso para a cerimônia de graduação no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, disse: “A missão

da Apple é servir à humanidade. É simples assim: servir a humanidade”. E no Relatório de Progresso de Responsabilidade do Fornecedor da Apple, ele diz: “Há uma maneira correta de fazer produtos. Começa com os direitos das pessoas que os fazem”. Nosso livro é uma exposição de várias centenas de páginas sobre o quão falsa é essa afirmação. A verdade é que a Apple cria condições de trabalho horríveis ao colocar os fornecedores uns contra os outros. A Apple empurra o Foxconn, e o Foxconn empurra os trabalhadores.

Em 2010, em meio à série de suicídios de trabalhadores, Foxconn foi a montadora final exclusiva do iPhone e uma das principais empreiteiras de uma ampla gama de produtos eletrônicos da Dell, HP e outras marcas globais. Soubemos que cerca de 60% do preço de mercado do iPhone 4 foi para os bolsos da Apple. Enquanto isso, os trabalhadores chineses da montagem receberam apenas 1,8% do lucro bruto. Isto nos diz quase tudo o que precisamos saber sobre a desigual divisão global do trabalho.

Você mencionou que os trabalhadores da Foxconn precisam de um sindicato. A China tem, em teoria, o maior sindicato do mundo, Federação Nacional de Sindicatos (FNS) da China. Mas não é um sindicato independente; é controlado pelo Estado e pelas empresas. O que pensam os trabalhadores do FNS?

O presidente do sindicato Foxconn é o assistente especial do CEO, Terry Gou! Como os trabalhadores podem confiar no sindicato da empresa? Os trabalhadores querem reivindicar seus direitos sindicais através de eleições abertas e democráticas.

No livro, você escreve que o FNS realmente impede o desenvolvimento de sindicatos independentes.

Isso é correto. O FNS é um aparelho estatal. Ela serve aos objetivos políticos e econômicos do Estado. Ela não é responsável perante seus membros. Na melhor das hipóteses, os funcionários sindicais locais intermediam conflitos entre a

administração e os trabalhadores em tempos de crise para restaurar a ordem e a estabilidade social, deixando intacta a estrutura autoritária da administração.

Como os trabalhadores da Foxconn protestam ou expressam seu descontentamento?

Na maioria das vezes, eles contornam os sindicatos e se organizam de forma independente. Quando o prazo de produção se aproxima, eles paralisam as linhas de montagem. Eles interrompem o fluxo de produção. Isso é crucial. Foxconn é o maior fabricante de produtos eletrônicos do mundo. Possui um sistema de produção totalmente integrado, de modo que, quando uma fábrica estiver em baixo, os componentes-chave não serão fornecidos para outra parte da linha de montagem.

Os trabalhadores às vezes recebem algum apoio de estudantes universitários ou de grupos de direitos trabalhistas de nível comunitário. Mas estes grupos são muito vulneráveis à repressão estatal. Temos visto ondas de repressão governamental, desde o fechamento de organizações de apoio aos trabalhadores até a prisão de ativistas trabalhistas, passando pela prisão de manifestantes.

A agitação trabalhista tem mostrado resultados ambivalentes. Por um lado, as autoridades aumentaram a vigilância. Por outro lado, eles aumentaram os salários e os benefícios para estimular os gastos domésticos.

Durante nosso trabalho de campo, conversamos com os trabalhadores não apenas sobre estratégias para salários mais altos ou melhores benefícios – embora isso seja realmente importante – mas também sobre suas exigências políticas. Eles precisam de mais apoio externo para mudar as regulamentações sociais, econômicas e legais, não apenas para se capacitarem em termos de direitos trabalhistas, mas também para melhorar sua educação, moradia e assistência médica, de modo que a vida possa ser melhor a longo prazo.

Dada a recente repressão às alianças entre estudantes e trabalhadores, o que podem fazer os ativistas de direitos trabalhistas dentro e fora da China?

Só precisamos ser mais cautelosos. Temos que entender que os custos de organização e campanha em grande escala podem ser muito altos. Os principais líderes foram humilhados e forçados a admitir que violaram a lei ao perturbar a ordem pública e colocar em perigo a segurança nacional. O governo ameaçou seus parceiros ou filhos de silenciá-los. Apesar disso, o bom da China é que estudantes universitários esquerdistas, ativistas trabalhistas e organizações comunitárias nunca foram completamente esmagados. Os grupos de estudo on-line e off-line continuam. A pesquisa social também está se desenvolvendo sobre o impacto da covid-19 nos trabalhadores da fábrica e dos serviços. Isso é inspirador.

Há espaço para a organização de base e solidariedade transfronteiriça, e para a responsabilidade corporativa e campanhas de conscientização dos consumidores em escala internacional. As empresas multinacionais frequentemente localizam seus locais de produção em países pobres ou “em desenvolvimento”. Seus trabalhadores não ganham um salário suficiente e são mortos ou feridos desnecessariamente, trabalham longas horas e sacrificam a vida familiar, enquanto os lucros fluem para as corporações. Ativistas em todo o mundo devem insistir em regras de comércio global que protejam os direitos dos trabalhadores, e os consumidores devem entender que as empresas são responsáveis pelas condições sob as quais seus produtos são fabricados.

O seu livro inclui alguns poemas escritos por trabalhadores que são verdadeiramente comoventes.

Sua arte é uma forma de ativismo cultural. Os trabalhadores utilizam espaços digitais para fazer circular sua poesia, canções e vídeos. Seus poemas são contundentes.

Há vários poemas muito poderosos de Xu Lizhi de 24 anos. Ele falhou em múltiplas tentativas de encontrar outro emprego que o tiraria da linha de montagem na Foxconn.

Aqui está um de seus poemas, “Um Parafuso Caiu no chão”:

“Um parafuso caiu no chão / Nesta noite escura de horas extras, / Verticalmente, com um leve tilintar / Não atrairá a atenção de ninguém / Como da última vez, numa noite como esta, / Quando alguém se atirou para o vazio”.

Nove meses depois de escrever este poema, Xu Lizhi cometeu suicídio.

O desespero total de muitos dos trabalhadores que conhecemos na Foxconn é melhor expresso no que um trabalhador anônimo postou em um blog: “Morrer é a única maneira de testemunhar que já vivemos, / talvez para funcionários da Foxconn e empregados como nós, / o uso da morte é testemunhar que já estivemos vivos, / e que, enquanto vivíamos, só tínhamos desespero.

Depois disso, não tenho certeza de poder dizer mais nada. Você gostaria de fazer uma última reflexão?

Espero que as pessoas leiam nosso livro. Não apenas para entender a Apple e a Foxconn, mas para efetuar mudanças nestas empresas, para ser solidário com os trabalhadores na China e no mundo inteiro.